

A INFÂNCIA NA PEDAGOGIA DO DR. ABILIO CESAR BORGES: O BARÃO DE MACAHUBAS (1856-1891)¹

Diane Valdez

Secretaria Municipal de Educação de Goiânia

Eixo temático 3: Cultura e práticas escolares

Esta pesquisa foi realizada durante o curso de doutorado em História e Filosofia da Educação na FE/Unicamp. Investigamos a representação de infância nas propostas pedagógicas do barão de Macahubas, médico baiano que na segunda metade do século XIX ocupou um lugar representativo na instrução do Império brasileiro. Abilio foi Diretor de Instrução Pública da Bahia (1856-1857), proprietário e diretor de colégios na Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais e membro de entidades científicas e filantrópicas. Foi autor de livros escolares, sendo pioneiro na publicação de obras para a infância brasileira com uma série de cinco livros de leitura (1866-1891).

A segunda metade do século XIX, período deste estudo foi marcado por imensas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais no Brasil. No campo da instrução, difundiu-se a crença em torno do ensino primário e no poder da escola como fator de progresso, modernização e mudança social. Diante disso, a organização escolar, com enfoque na criança, tornou-se objeto de reflexão política e pedagógica. Era consenso nos discursos de políticos e intelectuais da época, a necessidade de reformas urgentes no ensino para que a escola cumprisse com seu papel redentor e civilizatório.

A escola, seja ela pública ou privada, estava fortemente associada à idéia de infância e juventude, mesmo que esta associação não tenha acontecido repentinamente e de forma semelhante em todos os espaços, surgiram, neste período, iniciativas e movimentos de escolarização da infância. Independente da precariedade que caracterizava o ensino nas províncias do Império brasileiro, escolarizar a criança significava garantir para o futuro da nação um adulto polido e educado, elemento essencial na formação da sociedade ‘civilizada’ e burguesa que a elite intelectual almejava alcançar.

As propostas de Abilio estavam inseridas neste processo e ao eleger a instrução e a educação da infância como sua bandeira prioritária, não poupou esforços para colocar em prática o que, às suas vistas, era viável para a formação de sujeitos polidos e úteis. A partir

¹ O título original da tese é “A representação de infância nas obras pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges, o barão de Macahubas (1856-1891). Essa pesquisa teve orientação da Prof^a Dr^a Ediógenes Aragão Santos e foi financiada pelo CNPq.

de 1856, quando ocupou o cargo de Diretor da Instrução na Bahia, até sua morte em 1891, este educador se preocupou unicamente em investir em seus colégios, publicar materiais escolares e propagar métodos de uma educação moderna, branda, alegre, saudável e livre de castigos físicos. A instrução e a educação da infância deveriam ser pautadas sobre os princípios da ciência e da religião e era preciso investir na criança o quanto antes, desde a mais tenra idade, para garantir um futuro promissor para a pátria. Defendia, portanto a necessidade de uma atenção especial ao desenvolvimento físico e intelectual da criança, respeitando suas particularidades e especificidades próprias da infância.

A primeira vez que tivemos contato com esse autor foi no, no *Arquivo Histórico de Goiás* no início do doutorado. Chamou-nos atenção as listas de solicitações de materiais para o ‘expediente escolar’, elaboradas por professores e diretores nas quais continham constantes pedidos dos livros de leitura ‘de Abilio’. Nosso interesse foi se ampliando na medida em que uma boa parte da bibliografia da História da Educação citava este autor como um dos pioneiros na produção de livros para a infância brasileira. Também nos surpreendeu o fato de não termos encontrado pesquisas específicas sobre a contribuição de Abilio para a educação brasileira. Sua imagem ainda é fortemente associada à obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, seu ex-aluno, que inspirou seu romance autobiográfico em sua experiência no *Colégio Abilio da Corte* cristalizando a imagem de Abilio a Aristarco Argolo, um diretor vaidoso e autoritário.

Ao decidirmos investigar a representação da infância nas propostas pedagógicas de Abilio, temos por objetivo identificar o lugar reservado à criança do ensino primário neste período da história. Sabemos que as idéias defendidas pelo autor não eram únicas e tampouco estavam isoladas do contexto político e social de seu tempo. Identificar, portanto, a infância idealizada por Abilio, percebendo as permanências, rupturas e transformações ocorridas, assim como confrontar suas idéias com o que estava circulando no período, tornou-se relevante para compreendermos como foram construídos alguns conceitos que se cristalizaram na história da educação brasileira. Se havia a necessidade de se construir um ideal de criança, a escola, sem dúvida, contribuiria enormemente para a efetivação da idéia do ‘bom aluno’ e conseqüentemente da ‘boa criança’.

Decidimos, nesta pesquisa, investigar a representação de infância na perspectiva da história cultural. A idéia de representação é um conceito central da história cultural e a mesma envolve historiadores com posturas bem diversas, sendo que o conceito de representação não é claro e nem assumido por todos. Contudo, para Pesavento (2003), todos trabalham sobre a produção de sentidos referentes ao mundo construído pelos

homens do passado e o que fica evidenciado nas pesquisas é a idéia de trazer os sentidos conferidos ao mundo, que se manifestam em palavras, discursos, imagens, práticas etc.

De acordo com Le Goff (2003), a crítica da noção de fato histórico tem provocado o reconhecimento de ‘realidades’ históricas que há muito foram negligenciadas pelos historiadores. Desta forma, junto à história política, econômica e cultural, nasceu a história das representações que assumiu formas diversas, que envolve história das ideologias, das mentalidades, do imaginário e do simbólico.

Escrever sobre o passado, há muito tempo deixou de ser uma narrativa pura e reconhecida como ‘verdadeira’, pois o passado não está pronto e acabado esperando o historiador contá-lo, assim como, o documento não desvenda o passado de forma direta e transparente. A história e o passado são plurais, é um conjunto de valores construídos, socializados, significados e legitimados pelos homens para explicar um tempo e uma sociedade. Desta forma, para compreender um tempo, uma época e uma sociedade, faz se necessário compreender suas representações, que em cada época são construídas para conferir e dar sentido ao real.

Segundo Pesavento (2003, p. 40), indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Assim, representar é fundamentalmente “(...) estar no lugar de, é presentificação de um ausente, é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.” Desta forma, seja de forma individual ou coletiva, as representações são dadas e expressas na história por normas, instituições, discursos, imagens, ritos, crenças, conceitos, valores, conflitos etc. que são construídos a partir do real.

Para Chartier (1990, p.19), as representações construídas do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam, que, a revelia dos atores sociais, “traduzem as sua posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade como pensam que é, ou como gostariam que fosse.” Para o mesmo autor, um dos principais objetivos da história cultural é o de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e lida. Contudo, para identificarmos isso, é preciso ficar atentos às múltiplas configurações da construção do mundo, feita de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos sociais.

Ao procuramos ‘decifrar’ a época que propomos analisar, por meio de suas representações, queremos chegar às formas discursivas e imagéticas na qual Abilio Cesar

Borges, sobretudo, expressou sua concepção e sentido de infância. Isto é, buscaremos reconstruir com as fontes disponíveis e selecionadas as representações construídas no século XIX, levando em conta a realidade nas quais estas foram construídas, pois de acordo com Pesavento (2003, p.41): “As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexões”.

O poder da representação se dá pela sua capacidade de substituir a realidade que representa, da construção de um mundo paralelo, da legitimação e do reconhecimento dos discursos e das imagens construídas historicamente. Tendo estes princípios como referências, discutimos nesta pesquisa de que forma este educador, inserido em seu contexto político e social, fixou e prescreveu condutas para construir e representar a imagem da infância ideal. Como seus escritos, que tinham uma função pedagógica, revelavam a vontade de expor e ensinar maneiras e modelos para servirem de espelhos, modelos que foram cristalizados servindo por um longo período para se definir o padrão de uma boa infância.

Conseguimos reunir um número significativo de informações a respeito do tema através das fontes encontradas em arquivos e bibliotecas. Recorremos, primeiramente, as próprias publicações de Abilio da segunda metade do século XIX, seus livros de leitura para a infância, artigos em jornais, discursos proferidos, relatórios, cartas e outros materiais. Consultamos também às biografias publicadas sobre este autor na década de vinte e trinta do século XX, algumas obras francesas de autores citados por Abilio e os catálogos do qual foram extraídas as gravuras que ilustram seus livros de leitura.

Nesta pesquisa, utilizamos o termo ‘infância’ para nos referirmos à criança do ensino primário, seguindo as prerrogativas do nosso autor. No entanto não adotamos um conceito rígido e acabado, pois a idade escolar é flutuante e difícil de determinar, além do conceito infância ser ambíguo neste período. Enfatizamos a amplitude do conceito em uma sociedade onde havia várias infâncias (livre, escrava, indígena), no entanto optamos por um recorte para podermos nos dedicar à criança que a escola pretendia formar, com suas contradições e tensões.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro intitulado “Abilio Cesar Borges: um homem do seu tempo” apresenta dados da história deste autor, situando-o em seu contexto regional e nacional. Abordamos aspectos de sua trajetória escolar, origem familiar, formação na Faculdade de Medicina, a inserção em instituições intelectuais e

filantrópicas, na imprensa, nas campanhas abolicionistas e na *Guerra do Paraguai*, viagens para a Europa, participação em exposições internacionais, o cargo de Diretor Geral da Instrução Primária e Secundária da Bahia, concluindo com o título de barão recebido do Imperador. Procuramos apresentar esses dados, inserindo-os no contexto político e social do período, pois são indicações importantes para identificarmos o grupo ao qual Abílio pertencia, assim como tornar compreensível para o leitor suas propostas para a instrução e educação.

No segundo capítulo, “Instruindo e educando a infância do ensino primário”, nos dedicamos à análise de suas propostas idéias para este ensino. Destacamos seus colégios, seu pensamento acerca do desenvolvimento infantil, idade, higienização, separação de classes, professores, ensino, matérias, métodos, ensino das ciências e da religião, cerimônias e festas, premiação, castigos morais, repercussão na imprensa etc. Organizamos os temas de modo a apresentar a rotina dos alunos dos colégios de Abílio, sem perder de vista as práticas educacionais que vigoravam no período. Dessa forma podemos ter um quadro mais amplo do que a infância do ensino primário vivenciava ou não, nas escolas públicas e particulares.

O capítulo terceiro, intitulado “As infâncias presentes nos livros de leitura: significados e representações” teve como referência principal o *Primeiro e o Segundo livro de leitura* para a infância brasileira. Antes de analisarmos as lições e gravuras, discorreremos a respeito da inserção do livro de leitura na sociedade brasileira, caracterizando-o em seu espaço de produção, comercialização e distribuição. Buscando trazer os objetivos deste material, nos debruçamos sobre as lições e gravuras para a criança, também de forma temática, a representação da escola, o dever escolar, disciplina e ordem, o papel da família, os aspectos religiosos, concluindo com a lembrança presente nas memórias dos leitores dos livros de leitura.

É no interior dessas considerações que procuramos investigar o que Abílio preconizou para a infância nesse período da história da educação. Como ressaltou Fanfani e Levillain (apud, BASTOS, 2002) os objetivos e intenções de um indivíduo estão sempre entrelaçados com outros pensamentos que o rodeiam. Não é um personagem que esclarece uma época ou um século, mas sim uma época e um século que servem para explorar o personagem, suas qualidades, defeitos e vícios, aos quais a época atribui uma racionalidade preexistente.

Considerações finais

Abilio Cesar Borges, foi um homem de seu tempo. Contudo isto não significa que a sociedade fosse homogênea e nem que todos os sujeitos provindos de uma mesma classe social agissem de forma semelhante. Ao apresentar o autor como um homem de seu tempo, a nossa intenção foi de historiar suas práticas e propostas com o objetivo de compreender como um educador deste período pensava a infância e sua educação. Ao interpretarmos o passado, não podemos partir de conclusões a priori e, muito menos, nos basearmos somente nos juízos positivos ou adversos dos personagens que estudamos. Da mesma forma, devemos evitar posturas que procuram acomodar ou explicar o passado pelas circunstâncias atuais. Procuramos, portanto, olhar para o nosso tema e recorte histórico, buscando identificar, primeiramente, as características próprias deste período, para então nos debruçarmos sobre a análise do objeto de estudo.

O século XIX foi, sem dúvida alguma, um tempo dinâmico no que se refere ao contexto cultural e educacional brasileiro. Um tempo de homens eruditos que se projetaram em uma sociedade plena de contradições e, sobretudo, em uma sociedade escravista que estava distante não somente da cultura escrita, como de quaisquer outros bens. Com as contradições próprias da época, uma geração de ‘ilustrados’ elaborou e definiu uma série de elementos que, durante muito tempo, nos legaram as idéias que temos a respeito da infância escolar.

A instrução da criança fazia parte dos projetos de modernização educacional que, por sua vez, estavam inseridos no processo de modernização do país. Desta forma, independente do discurso, por vezes, privilegiar a infância da elite, de pensar na criança como “um vir a ser”, de estimular a regeneração do povo pela educação dos pequenos, de formar o futuro trabalhador dócil e disciplinado, além de outras intenções, o mais importante é perceber que a infância, via escola e com todas suas particularidades, começou a ser o foco das discussões no período.

Na visão de Abilio, a criança deveria ser educada e instruída por adultos capazes de compreender seu desenvolvimento particular, portanto ela deveria receber atenção permanente, quer seja no sentido da vigilância para evitar que se manifestassem suas paixões e vícios ou seja para corrigir seus defeitos. Desta forma, prescreveu uma série de medidas para os adultos compreenderem a infância enquanto portadora de características próprias e, por outro lado, ensinou para as crianças leitoras como deveriam se portar na escola e na família.

Para Abilio, a criança, antes de tudo, não era vista como um adulto em miniatura e sim um ser em desenvolvimento que merecia cuidado particular. Não era portadora de uma inocência nata, ao contrário, trazia consigo ‘pequenos defeitosinhos’ que deveriam ser corrigidos pelo adulto. Não era ‘tão má’ como pensavam algumas pessoas, era moralmente frágil, porém propensa a receber bons ensinamentos. Era uma criatura feita por Deus, portanto tinha que ser educada sob os princípios morais religiosos. Era o futuro adulto, daí a necessidade de uma instrução que lhe garantisse conhecimentos científicos e literários para atuar posteriormente na construção da sociedade moderna.

Diante desses princípios básicos, Abilio investiu na tese de que, para formar uma ‘nova infância’, era preciso uma ‘nova escola’, pois a existente não assegurava a formação adequada. Além de ser um ambiente rígido, com professores despreparados que puniam os pupilos à menor falta, não havia livros adequados, métodos coerentes à natureza infantil e, muito menos, prédios escolares apropriados. Se a escola era a maior responsável pela formação integral da criança que aprenderia ali, além das regras de convivência, os conhecimentos úteis para o trabalho, era preciso convencer os pais da importância do ensino primário. Por isso defendeu a entrada da criança na escola a tempo de frequentar este ensino, alegando que, além dos pupilos aprenderem mais e melhor, isso facilitaria sua formação para o ensino secundário e superior. Por outro lado, era preciso atrair o público infantil para a escola. Desta forma, ele defendeu um ensino amorável, alegre, atrativo e livre de punições físicas.

A garantia do bem estar infantil era um argumento forte usado por Abilio. Não podemos esquecer que, neste período, muitas crianças e jovens tinham a saúde prejudicada nas escolas, não só devido ao ritmo de estudos, como também pelas condições higiênicas dos colégios. É compreensível a preocupação deste educador para com a saúde da criança. Estamos falando de um período no qual a mortalidade infantil era altíssima, no qual as crianças, pela sua própria fragilidade, eram as maiores vítimas, tanto das epidemias que assolavam o país, quanto também das péssimas condições de higiene em que vivia boa parte da sociedade.

Abilio procurava delegar à criança o cultivo do bom hábito do estudo, apostando na iniciativa e no talento pessoal com a perspectiva de formar homens bons, polidos e úteis para a sociedade. Para formar este homem, era preciso evitar constrangimentos e coerções na escola e na família. Assim, para Abilio, punir fisicamente a criança não fazia desta alguém melhor, pois, além de prejudicar sua saúde, poderia torna-la apática e servil. Apesar de constar em lei esta proibição, averiguamos que não se compreendia a escola sem

o castigo corporal e a palmatória era um instrumento que fazia parte do cotidiano escolar. Apesar dos conselhos aos adultos para agirem com prudência e docilidade, a educação rígida era adotada tanto em casa como na escola.

Não resta dúvida que Abilio escreveu e traduziu um número vasto de obras, tanto para crianças como para pais e professores, com o intuito de divulgar para os leitores princípios aos quais considerava representativos. Nos livros dirigidos para o público infantil, pudemos constatar um afinamento de seu discurso para com as lições impostas aos seus pequenos leitores. As lições representam a idealização de uma criança que mantinha uma relação idílica com a família, a escola e a religião, enfim, com a sociedade. Às crianças e aos pais delegava-se o papel de cultivar o amor filial, pois os pequenos deviam aos pais sua própria existência no mundo, e os pais deveriam educar as crianças com paciência, conselhos e bons exemplos, bem aos moldes idealizados pela família burguesa.

Na escola, a criança aprenderia as regras de boa convivência necessárias para sua formação. Seu papel estava definido, ela deveria amar os estudos, ser aplicada e absorver os conhecimentos das ciências e da moral para ser uma pessoa ilustrada, cortês e útil para a formação do estado moderno. A escola, por sua vez, deveria ser atrativa, prazerosa e proporcionar um ensino ao alcance da compreensão infantil, sem abrir mão da formação moral. A Igreja deveria ser uma aliada constante da família e da escola e a criança deveria ser obediente aos mandamentos da lei divina e temente a Deus, pois somente desta forma atingiria um comportamento propício para uma vida regrada e moralizada.

Esses princípios que não eram originais e nem próprios somente deste período. Os objetivos poderiam se diferenciar no tempo e no espaço, contudo o investimento na infância pautado pela crença de sua característica plástica e maleável, para se atingir algo no futuro, era alvo central da política educativa, desde os jesuítas até os dias de hoje, obviamente, com elementos diferentes. Podemos destacar o investimento na infância, a partir da segunda metade do século XIX, como um vir a ser, associado de forma intensa ao espaço escolar. A infância e a juventude adquiririam lugar mais específico e a escola passaria a ser o espaço ideal para formalizar os aspectos de educação e da instrução. Para tanto era preciso que o ambiente escolar se adequasse, tanto na estrutura física, como nos métodos de ensino e na produção de materiais adequados.

Neste sentido, Abilio contribuiu de forma importante para que se colocassem em prática essas concepções. Evidentemente que estava contida em suas propostas e práticas uma clara necessidade imediata de investir na escola e na criança como elementos prioritários para a formação de uma sociedade moderna, moralizada e ‘civilizada’.

Contudo atribuímos sua contribuição ao sentido de desvelar o mundo infantil, de colocar a criança como prioridade e influenciar para um olhar mais atento ao desenvolvimento infantil, assim como para a divulgação de um sentimento mais afetivo para com esta categoria.

Ao inserimos o pensamento do autor em seu contexto histórico, identificando as influências tanto externas como internas, vivenciadas pelo mesmo, foi possível constatar algumas das práticas educacionais postas para a criança neste período. A trajetória deste educador pode ser explorada sob diversos aspectos, escolhemos a representação da infância no ensino primário e deixamos assim a nossa contribuição para a compreensão da história da criança no mundo escolar do Brasil oitocentista.

Bibliografia

- ALENCASTRO, L. F. de. (Org.) *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALMEIDA, J. R. P. de. *História da instrução pública no Brasil: 1500 a 1889*. São Paulo: Educ/Inep-MEC, 1989.
- ALVES, L. A. (Org.) *O ginásio baiano de Abílio César Borges* (Antologia). Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- BASTOS, M.H.C. *Pro Pátria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- BITTENCOURT, C.M.F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1993.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CABRINI, C. *Memória do livro didático: os livros de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1994.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- CARVALHO, J. M. de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Relume-Dumará, 1996.
- CHARTIER, A. M. & HÉBRARD, J. *Discours sur la lecture (1800-2000)*. Paris: Centre Pompidou/Librairie Arthème Fayard, 2000.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHOPIN, A. O historiador e o livro escolar. *História da educação*. Pelotas, n.11, p.05-24, abr. 2002.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEL PRIORE, M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- DURAND, M. et BERTRAND, G. *L'image dans le livre pour enfants*. Paris, Editions de L'Ecole, 1975.
- FARIA FILHO, L. M.(Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FRAGA FILHO, W. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: EDUFBA, 1996.

FREITAS, M.C.; KUHLMANN JR, M. (Org.) *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: CHARTIER, R. (Org.). *História da vida privada III: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GONDRA, J.G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*. São Paulo: Queroz, EDUSP, 1985.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França séculos XIX/XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n.1, p.115-142, jan./jun. 2001,.

HEYWOOD, C. *Uma história de infância: da Idade Média à época Contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HILSDORF, M.L.S. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1986.

HOLANDA, S.B. de. *O Brasil Monárquico*. 2º Volume: Dispersão e Unidade. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE MEN, S. *Les abécédaires français illustrés du XIXe siècle*. Paris: Promodis, 1984.

MONNERAT, C.; LEFRANC, R.; PERRIAULT, J. *L'enfant et l'image 1879/1979*. Centre National de Documentation Pédagogique, 1979.

PARMEGIANI, C.A. *Les petits françaises illustrés 1860-1940*. L'illustration pour enfants en France de 1860 à 1940, les modes de représentation, les grands illustrateurs, les formes éditoriales. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1989.

PESAVENTO, S.J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PFROMM NETO, S. (et.all) *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

POMPÉIA, R. *O Atheneu* (Ed. definitiva conforme o original dos desenhos deixados pelo autor) Rio de Janeiro: Francisco Alves & C^{ia}, 1905.

POSTAMN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

REVEL, J. O uso da civilidade. In CHARTIER, R. *História da vida privada 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 169-210.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *Infância e adolescência*. São Paulo, ANPUH/ Humanitas Publicações, v. 19, n.37, 1999.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. *Histórias e memórias da educação no Brasil – Vol. II: Século XIX*. Petrópolis: 2005, p.132-140.

VALDEMARIN, V. T. *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de Ensino Intuitivo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VALDEZ, D. Virtudes, instrução e diversão: a infância no *Primeiro livro* de leitura de Felisberto de Carvalho (1892). *Revista Pro-Posições*, Campinas, v.16, n.1 pág. 167-194, jan./abr. 2005,

VALDEZ, D. Livros de leitura para a infância: fontes para a história da educação brasileira (1868-1960). *Leitura: teoria e prática*, Campinas, nº 43, pág.17-22, set.2004.

VIDAL, D.; FARIA FILHO, L. M. *As lentes da história: estudos da história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas.SP: Autores Associados, 2005.